

Crônicas para ler e ouvir



Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly

Clara Cavalcanti Rellstab

Andréia Terzariol Couto

Carlos Augusto Tavares Júnior

Felipe Parra Alves de Oliveira

**Luciano Victor Barros Maluly
Clara Cavalcanti Rellstab
Andréia Terzariol Couto
Carlos Augusto Tavares Junior
Felipe Parra Alves de Oliveira
(Orgs.)**

Crônicas para ler e ouvir

ISBN: 978-65-88640-57-9

DOI: 10.11606/9786588640579



São Paulo, 2021

Para o jornalista e professor Marcelo Cardoso

Talvez plantar um grão de milho seja tão importante como escrever um livro, e igualmente difícil porque conseguir esse grão pode representar muito trabalho. Cada vez que eu caminho perto do pasto recém cortado e sinto o cheiro (um cheiro que adoro) lembro de aqueles versos: “Mas o cansaço dos trabalhadores que cortaram a erva é tão grande quanto o universo”.

Leonel Alvarado

Crônicas para ler e ouvir

Luciano Victor Barros Maluly (Universidade de São Paulo), Clara Cavalcanti Rellstab (Universidade de São Paulo), Andréia Terzariol Couto (Universidade de São Paulo), Carlos Augusto Tavares Junior (Universidade de São Paulo), Felipe Parra Alves de Oliveira (Universidade de São Paulo) (Orgs.)

Projeto Gráfico
Carlos A. Tavares Junior

Capa
Felipe Parra Alves de Oliveira

Universidade de São Paulo

Reitor
Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor
Prof. Dr. Antônio Carlos Hernandes

Escola de Comunicações e Artes

Diretora
Prof^a Dr^a Brasilina Passarelli

Vice-diretor
Prof. Dr. Eduardo Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe
Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Vice-chefe
Prof. Dr. Luciano Guimarães

“Essa obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que citada a fonte e a autoria respeitando a Licença Creative Commons indicada”

**Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

C947 Crônicas para ler e ouvir [recurso eletrônico] / organização Luciano Victor Barros Maluly ... [et. al.] – São Paulo: ECA-USP, 2021. PDF (43 p.)

ISBN 978-65-88640-57-9
DOI 10.11606/9786588640579

1. Radiojornalismo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica. I. Maluly, Luciano Victor Barros

CDD 22.ed. 070.194

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

1. Radiojornalismo: 070.194





JORNALISMO E EDITORAÇÃO



**ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

SUMÁRIO

PREFÁCIO	08
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO UM: Cinema Nacional	11
• Adriana Maria Souza Teixeira Detox das Redes	11
• Edson Antonio de Araujo Junior Um Brasil Marcado Para Matar	11
• Marina Faleiro Caiado Miséria	13
• Vital Soares da Silva Neto Tropa de Elite	15
CAPÍTULO DOIS: Medo	17
• Beatriz Carneiro Saraiva O medo espreita o meu futuro	17
• Catarina Virginia Barbosa Medo de Infância	17
• Gabrielle Abreu de Oliveira Não olhe, eles estão te julgando	18
• Kaynã Silva Amancio de Oliveira Medo de Ser	19
• Matheus Zanin de Moraes Entre se expor e não ser amado	20
• Ramana Rech Duarte Medo de violência física	21
CAPÍTULO TRÊS: Música	23
• Ana Beatriz Rodrigues Garcia Toquem os sinos	23
• Natália Milena Alexandre Lima Existem dois dias em que a terra parou	24
• Natasha Teixeira Percebo Herança	25
• Sofia Kassab Vou te contar	26
• Suzana Correa Petropouleas Letra e melodia	27
CAPÍTULO QUATRO: Infância	29
• André Derviche Carvalho Apenas criança	29
• Bruno Militao Garcia Vó	30
• Gabriel Guerra de Sousa Amor de infância	31
• Luana Maria de Sousa Benedito Para-ty	32
• Maria Luisa Oliveira Bassan Gomes de Sa A pequena artista	33
CAPÍTULO CINCO: Educação	35
• André Alves de Amorim Da escola, uma saudade	35
• Luciana Cardoso de Souza Professora e aluna	36
• Matheus de Camargo Basseto Alves Curiosos modelos	38
• Matheus da Silva Souza Sermão escatológico	40
• Victor Aguiar Ferreira de Sá Dúvidas	41
REFERÊNCIAS	43

PREFÁCIO

O livro *Crônicas para ler e ouvir* é, também, para se emocionar com algumas histórias afetuosas que remetem ao universo particular dos autores.

O gênero *Crônica* permite a introspecção necessária para o mergulho autoral sobre temas delicados, que remetem ao passado – não muito distante, posto que os autores são jovens universitários – e, às vezes, um passado que pode tanto trazer lembranças doloridas, como carinhosas, de relações familiares, questões não resolvidas, saudades.

Dividido em cinco capítulos temáticos – Cinema nacional; Medo; Música; Infância; Educação - os autores relatam em um tom intimista fatos tocantes dos seus cotidianos, seja em casa, na escola, na família, na faculdade.

Os impactos da pandemia na vida dos jovens não poderiam passar ao largo. Afinal, é nessa idade, especialmente, que a convivência com os amigos se desenvolve de uma forma tão intensa, e a sensação de enclausuramento, de não poder contar com o convívio social, principalmente para alguns, que chegaram à universidade recentemente, torna-se bastante amarga, além do inconformismo: “passei no vestibular de jornalismo na USP e não posso frequentar a faculdade”. De fato, concordo que deve ter sido uma sensação terrível, porque a vida acadêmica é uma das experiências mais encantadoras da nossa história, ainda mais em um campus que oferece tantas possibilidades aos alunos. Um dos textos fala justamente sobre isso: o de se deparar, de repente, com um formato de aula para o qual ninguém estava preparado – as aulas remotas.

Me emocionei com alguns textos. É incrível como as meninas de hoje ainda se sentem tão inseguras, em certas situações, como na minha geração. O universo feminino ainda está repleto de medos e sensações desconfortáveis. Quando era adolescente, vivia confrontando meu pai para me dar mais liberdade; me ressentia da sua preocupação, para mim excessiva, com os horários noturnos das minhas saídas, de insistir em me buscar quando saía com os amigos. Hoje sei e compreendo (e faria o mesmo) que era pura proteção, medo de que algo de ruim me acontecesse. Os perigos que me rondavam, quando jovem, são os mesmos das meninas de hoje. A insegurança de andar sozinha nas ruas, do medo e do assédio. Alguns fantasmas ainda são os mesmos. Assim como ainda são as detestáveis práticas de bullying, que perseguem tantas crianças e adolescentes. Acuados, temem denunciar seus detratores, e se sentem ainda piores na sua solidão e medo.

Sempre digo aos meus alunos, principalmente quando tratamos de jornalismo literário, sobre as tantas possibilidades de aproximação que há entre a Literatura e o Jornalismo, em particular nos livros-reportagem; sobre a necessidade de muita leitura para ter um bom texto, e que um texto com lirismo e emoção não precisa, necessariamente, ser um texto densamente carregado de linguagem rebuscada. Uma escrita lírica, emotiva, pode, pela habilidade narrativa, ser tocante do ponto de vista emocional através da simplicidade. A lembrança afetiva de uma criança indo ao encontro da sua avó, por si só, já traz uma carga emocional considerável.

E à medida que lia as crônicas, acompanhava as histórias imaginando as cenas. Viajei com a autora em seu relato sobre a música Wave, do Tom Jobim, que teve, na minha adolescência, significado bem importante. Aliás, no capítulo Música, li as crônicas ouvindo as músicas que se sucediam nos textos. E descobri uma banda fofa chamada 5 a Seco! Achei o máximo.

Enfim, é muito gratificante ler os textos, bem escritos, sensíveis tratando de questões tão importantes. Parabéns a todos os autores e autoras. Nesse curto espaço não consigo homenagear a todos, mas cada um teve seu papel importante nesse trabalho, o de resgatar memórias, contar histórias, ouvir, escrever. Jornalismo é isso: e como jornalistas, vocês prometem!!

INTRODUÇÃO

A disciplina *CJE 0603 - Radiojornalismo* integra a grade do curso de graduação em jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Durante o semestre, a turma produz programas com conteúdos e formatos variados, do opinativo ao informativo.

O trabalho inicial revela a importância dos recursos sonoros como forma de ilustrar as matérias. Sendo assim, solicitamos aos alunos da turma 2021/2 que produzissem crônicas híbridas, ou seja, em texto e em áudio. A primeira etapa foi constituída pelos textos escritos que estão disponíveis neste livro. Já a segunda parte foi elaborada por meio de programas de rádio, transmitidos em série pela Rádio USP 93,7 FM e disponibilizada no repositório da radiojornalismo da ECA-USP, em 2022.

A sala foi dividida em cinco grupos, sendo que cada aluno produziu uma crônica dentro da temática escolhida pelo grupo. Logo depois, os grupos planejaram os programas de rádio com as matérias já editadas. A novidade foi a participação de colaboradores para a análise desse material.

Os temas escolhidos foram cinema nacional, medo, música, infância e educação. O professor e jornalista Marcelo Cardoso foi convidado para auxiliar os alunos na forma de condução das crônicas, especialmente com dicas sobre texto e locução e, por isso, a nossa homenagem.

Para a produção deste material, foram utilizados, como base, os conceitos de José Marques de Melo (2003), Manuel Carlos Chaparro (2008) e André Barbosa Filho (2003) sobre crônicas no jornalismo e de Raymond Murray Schafer (2012) e Armand Balsebre (1994) sobre paisagem sonora e linguagem radiofônica, respectivamente. Além disso, as publicações de Leonel Alvarado na coluna Antipódico foram fundamentais para este *exercício* literário.

A produção deste livro foi do professor Luciano Victor Barros Maluly, da monitora e mestranda Clara Cavalcanti Rellstab e do doutorando Felipe Parra Alves de Oliveira, ambos do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação, além dos pós-doutorandos Carlos Augusto Tavares Junior e Andréia Terzariol Couto, todos da ECA-USP.

CAPÍTULO UM: Cinema Nacional

- **Adriana Maria Souza Teixeira | Detox das Redes**

Sempre que viajo, tenho uma regra estabelecida por mim mesma que é desligar o celular e não ligar de volta até que a viagem chegue ao fim. Como uma espécie de refúgio da realidade, é uma forma que encontrei de não me importar mais com quantas mensagens preciso responder, quantos e-mails abrir e quantas fotos curtir. Não me entenda mal, eu gosto de redes sociais e as consumo diariamente, diria até que sou viciada. Mas quando tenho uma viagem, sinto que para conseguir realmente mudar o status de vida real para férias é preciso me desconectar de tudo e todos que não estejam comigo presencialmente.

E é isso que acontece com Ana, interpretada por Larissa Manoela, no filme *Modo Avião* de 2020. Apesar de algumas diferenças no contexto, acredito que a essência seja a mesma entre nós: duas mulheres que vivem diariamente conectadas às redes e, inclusive, trabalham com isso, se desconectam bruscamente da internet. No filme, a protagonista é obrigada a se mudar para a casa de seu avô no interior de São Paulo e não consegue recepção de Wi-Fi, tornando o detox das redes inevitável por meses. No meu caso, não passa de duas semanas, mas me identifiquei com todos os estágios que Ana passou após ficar sem celular.

Primeiro, a abstinência, em que é difícil aguentar ficar sem checar se aquela pessoa postou alguma foto ou se recebi alguma mensagem interessante. E realmente, esses primeiros dias sem contato com o mundo todo podem ser difíceis, dá uma sensação de estar perdendo tudo o que acontece, o famoso “*fear of missing out*”, que traduzido ao pé da letra seria o “medo de perder algo”. Mas depois dessa abstinência vem a sensação de liberdade. É estranho explicar, mas parece que não há cobranças e o que importa é apenas o presente e as pessoas que estão ao meu redor. No caso do filme, a protagonista cria uma forte ligação com seu avô. Já para mim, sinto que consigo me conectar melhor ao lugar que vou, tornando minha experiência mais real e verdadeira.

Sejam quais forem os motivos de cada um para se desconectar, acredito que sempre vai ser um saldo positivo no final das contas, pois nos prendemos tanto aos celulares que quando estamos longe deles, o tempo parece demorar mais pra passar... Quem não quer mais tempo pra aproveitar o que a vida tem pra oferecer? Bom, eu quero.

- **Edson Antonio de Araujo Junior | Um Brasil Marcado Para Matar**

Imagina um roteiro de cinema que tem como argumento o assassinato de um mártir do sindicalismo camponês do Brasil. Mas, com um detalhe, a produção

desse filme é interrompida por militares porque ocorria exatamente quando aconteceu o golpe de 64. 17 anos depois, os produtores do filme retornam ao interior do nordeste brasileiro, onde tudo era gravado. Lá, reencontram parte do elenco e finalizam essa obra.

Parece ficção, né? Mas não, é um documentário! Eduardo Coutinho, um dos maiores cineastas brasileiros, realizou um de seus mais grandiosos projetos com o longa *Cabra Marcado Para Morrer*, de 1984.

Tudo começou em 1964, quando ele e outros colegas foram ao engenho Galiléia, no interior de Pernambuco. Lá, iniciaram a gravação de um longa ficcional sobre a vida e morte de João Pedro Teixeira, líder da Liga Camponesa de Sapé, na Paraíba. Ele foi assassinado em 1962, a mando de latifundiários. Algumas das pessoas próximas a ele atuaram no filme interrompido, como Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro.

Em 64, os militares invadiram, acusaram todos ali de conspiração comunista e confiscaram parte dos equipamentos de filmagem. Com as gravações interrompidas, Coutinho, assim como Elizabeth Teixeira e outros produtores do filme, fugiram com o que conseguiram guardar. Alguns moradores do engenho Galiléia foram presos.

17 anos depois, em 1981, Coutinho retornou ao local onde se deram as primeiras gravações e terminou seu filme, agora em formato de documentário. Em *Cabra Marcado Para Morrer*, conhecemos um lado da revolução contra a ditadura que não é contado nos livros. Tudo se passa no interior do coração do Brasil, onde os latifúndios mandavam e abusavam, e ninguém via nada. Inclusive, alguns dos personagens dizem que nunca quiseram se meter com a revolução. Mas existe algo mais revolucionário que existir e resistir nas condições a que foram submetidos?

Após a invasão militar de 64 em Galiléia, Elizabeth Teixeira sabia que era um alvo por causa de seu histórico sindical com o marido. Então, fugiu para uma cidadezinha no interior do Rio Grande do Norte, São Rafael. Quando Coutinho entra calorosamente na casa dela para entrevistá-la, a gente se sente em casa também. É uma energia de avó que oferece café para todos que entram e conta histórias para quem quiser ouvir.

Apesar das condições socioeconômicas bem diferentes, não tive como não lembrar dos momentos da minha infância em que ia para a casa da minha avó no interior de Alagoas. A mesa ficava cheia, era um calor, às vezes nem tinha o que fazer, mas não faltava amor.

Só que há grandes diferenças entre minha vivência e a de Elizabeth. A senhora do filme teve onze filhos e se refugiou com apenas um deles. Além disso, teve que alterar seu nome ao se mudar para São Rafael, escolhendo o pseudônimo de Marta. Mesmo com suas dores, ela parece nunca ter perdido sua afetuosidade e o brilho nos olhos.

Há muitas nuances mostradas em tela que só um documentário é capaz de retratar. Alguns personagens têm vergonha da câmera, outros não querem aparecer ou até discutem com Coutinho. E tudo está lá, sem censura. O pai de Elizabeth, por exemplo, não tinha uma boa relação com a filha e aparece durante poucos minutos

em cena, pois não deseja falar para a câmera.

Talvez o longa seja uma carta de amor de Coutinho a todas essas pessoas que foram invisibilizadas por tantos. E ele tentou retribuir todo o apoio que recebeu desde as primeiras filmagens em 64. Foi por meio de seu documentário que Elizabeth pôde, pela primeira vez, revelar sua verdadeira identidade em São Rafael.

E ele foi procurar todos os filhos vivos de Elizabeth. Mostrou a eles arquivos de áudio da mãe e deu o paradeiro dela para os que não sabiam. Tudo registrado nas câmeras.

Ver uma história dessas se concretizar depois de tantos anos é um retrato do que é o Brasil. Uma mistura de injustiça, repressão, simplicidade, e, acima de tudo, de alegria nos olhos e vontade de mudar o mundo para as novas gerações.

Infelizmente, Coutinho não está mais entre nós. Elizabeth Teixeira, por sua vez, tem 96 anos e vive em João Pessoa. Inclusive, uma de suas últimas fotos divulgadas publicamente é de fevereiro, enquanto recebia a primeira dose da vacina contra a Covid-19. Obrigado a essas duas pessoas e a todos os outros envolvidos na produção de *Cabra Marcado Para Morrer*.

Como em uma clássica casa de avó, uma cena do filme mostra Dona Elizabeth indo até a porta para se despedir da equipe de filmagem quando chega a hora de partir. E aqui me despeço parafraseando Dona Elizabeth: “A luta aqui não para. A mesma necessidade de 64 não fugiu um milímetro. Enquanto se diz ter fome e salário de miséria, o povo tem que lutar”.

- **Marina Faleiro Caiado | Miséria**

“Esse quarto já sentiu a energia de muita alma jovem com muita vontade de viver e pouco espaço. O sangue e as lágrimas mancharam as paredes, os gritos e risadas ecoaram pelos vértices e as paixões consumiram tudo o que viram pela frente.”

Esse é um trecho do texto que eu escrevi quando me mudei da minha primeira casa em São Paulo. Era uma kitnet na Corifeu, com uma janela pequena lá no alto. Não ventilava, não dava pra ver a rua. Era tudo branco, novo, nunca tinha sido usado. Era oco e não tinha história. De certa forma, a única história daquela casa era a minha, eu fui mudando junto com aquele espaço.

Vendo aquela casa vazia na mudança, um filme passou pela minha cabeça, cheio de sentimentos agridoces. Ali eu ficava sozinha com os meus pensamentos, lidando com o mundo novo que era São Paulo. O meu sonho de estudar jornalismo na USP, os treinos da atlética, as aulas de línguas, a agenda cheia, tudo isso era parte da minha rotina. Assim como a solidão, a exclusão, a ansiedade, a dependência emocional, o medo de não fazer amigos e todas as outras dores de crescer e tentar descobrir quem eu era. É, não existe amor em SP.

Essa música aparece logo no trailer do filme “A Voz do Silêncio”, um drama de 2018 dirigido por André Ristum. O longa gira em torno da vida de sete pessoas que moram em São Paulo, convivendo com as angústias e a solidão diária de morar

em uma das maiores cidades do mundo, onde todo mundo está sempre com pressa e a empatia está sempre em falta.

Uma das histórias que mais me tocou no filme foi a da personagem Maria Cláudia, interpretada por Marieta Severo. O único orgulho que ela tinha era o filho, interpretado pelo ator Arlindo Lopes, que sempre mandava cartões postais dizendo que estava em um lugar diferente do mundo. Na verdade, o filho morava em São Paulo mesmo, e trabalhava como atendente de telemarketing para sobreviver. Morava em um canto qualquer, e nunca nem saía para se divertir. Todo dia era sempre igual. E assim era para os outros personagens: o trabalho doído, com quase nenhuma folga e absolutamente nenhum descanso da dor das próprias angústias, de não fazer nada que dê prazer, de fazer tudo no automático.

Depois de ver esse filme e sentir todos aqueles sentimentos tão reais junto com os personagens, fiquei pensando que a miséria sobre a qual Victor Hugo escreveu não tinha nada a ver com dinheiro. Miserável. Em português, e até mesmo em francês, língua original da obra “Les Misérables”, essa palavra pode nos fazer lembrar muito mais da miséria física, falta de dinheiro, falta de comida. Mas em inglês, “miserable” se refere muito mais a um estado emocional, quando você se sente péssimo, um lixo. Gosto mais desse sentido.

O Jean Valjean, personagem dessa célebre obra francesa, foi preso por roubar um pão, e mesmo depois de ganhar dinheiro e tentar fazer o bem, o guarda Javert só pensava em condená-lo por seu passado. Tanta foi a culpa, que Javert cometeu suicídio. Éponine morreu pelo homem que amava e que a via apenas como uma amiga e Gavroche, com apenas 12 anos, morreu lutando uma luta que não devia ser sua. A miséria deles era de dignidade, de liberdade, assim como a miséria da Maria Cláudia e do seu filho, assim como a nossa miséria diária.

Da minha posição de privilégio, nem imagino como devem ser as misérias de tantas outras pessoas na pandemia do governo Bolsonaro. Mas eu sinto a minha miséria, quando vejo as mortes na TV, o mau caráter dos políticos e a dor das pessoas, pensando que não posso fazer nada, ou quase nada. Penso nos dias de quarentena que passei trancada em casa, lidando com a depressão, tentando achar uma saída e um sentido nisso tudo. Sinto que estou perto, apesar de não ter ideia de quando vou chegar lá.

Mas de uma coisa eu sei, e peço desculpas se fui muito dura lá no início, porque existe sim amor em SP. Eu descobri isso com os amigos da minha república, fazendo fogueira na garagem de casa no meio do Butantã, tomando banho de chuva ao som de Vanessa da Mata e fazendo cinema no quintal, tudo isso em plena pandemia. Existe amor em SP, mas é uma coisa que nós precisamos buscar e construir, dia após dia. A cidade é só uma cidade. Assim como a minha kitnet era só um lugar qualquer, pintado de branco, e que eu colori com a minha história, que era ruim mas também era boa.

Existe poesia nessas esquinas duras, como cantou Caetano, mas é preciso procurá-la ativamente, antes que a mesmice, a rotina e a indiferença nos consumam. Se as paredes da cidade podem pintar nossa cabeça de cinza e fazer um baita estrago, talvez nós também possamos colorir as paredes, de alguma forma.

• **Vital Soares da Silva Neto | Tropa de Elite**

Recentemente passei por uma experiência interessante que foi a de assistir de novo os filmes Tropa de Elite um e dois, mais de dez anos depois dos lançamentos.

Foi interessante porque passei a ver uma relação entre algumas narrativas dos filmes com as que dominam o debate político atual. Foi uma década em que o mundo mudou bastante e eu também mudei.

Na minha vida, o que mais mudou foi que migrei do mundo das exatas para as humanas e isso trouxe novas visões que eu não tinha lá atrás.

Na época dos lançamentos dos dois filmes eu estudava engenharia no interior do estado de São Paulo. Nossa turma se dava muito bem e era unida, mas hoje vejo que existia pouca diversidade na sala.

O impacto prático óbvio que o primeiro filme teve na turma foi de dar para gente um punhado de bordões que se transformaram em brincadeiras.

Bordões como “boa, zero meia” e “pede para sair”.

No primeiro filme Tropa de Elite a narrativa gira em torno do capitão Nascimento. Um policial do BOPE que quer se aposentar e precisa encontrar um substituto num grupo de aspirantes.

O filme é considerado por muita gente um retrato fiel de como era o Rio de Janeiro do final dos anos noventa e começa os anos dois mil. Morros controlados por traficantes, milicianos e políticos corruptos.

Depois de tanto tempo, vejo que o que marcou o público não foram só os bordões ou a ideia de que o filme retrata uma realidade. Mas por romantizar a violência policial. Já que o filme mostra bandidos tomando esculacho e sendo executados por policiais.

Em dois mil e dez assisti ao lançamento de Tropa de Elite dois no cinema. Que tem como subtítulo o inimigo agora é outro. Porque o capitão Nascimento descobre que a bandidagem que ele combatia era apenas uma consequência do problema e que a causa está nos políticos corruptos.

Enquanto o primeiro filme tinha a mensagem de que era preciso usar o fuzil para combater a bandidagem, o segundo trouxe uma mensagem anti-sistema apontando que toda política no Brasil era podre e precisava ser combatida.

O personagem do capitão até amadurece de um filme pro outro. Mas essa não é a mensagem que foi gravada na mente das pessoas. O que pegou foi a ideia de que o sistema é podre e que se você fizer a coisa certa vai ter que lutar sozinho contra o sistema e todos vão tentar te derrubar.

Esse filme não gerou novas brincadeiras, mas ajudou a reforçar o que a gente sentia da política e do chamado sistema.

Agora que revi os filmes, eles me fizeram refletir muito sobre o impacto

subjetivo que tiveram no público.

Imagino que esse raciocínio tenha surgido porque eu fui me aproximando das humanas e vim cursar jornalismo em São Paulo. Os novos colegas de faculdade são de todas as regiões do país e existe uma diversidade muito maior do que aquela que vivi lá em 2010. Na USP a palavra plural ganhou um novo significado para mim.

Nesse meio tempo o país também mudou. Depois das eleições de 2014 o Brasil se polarizou e de lá para cá caminhamos em direção ao extremismo e à hipocrisia escancarada.

Alguns dos antigos colegas passaram de pessoas inconformadas para militantes das redes sociais, alimentados pelo ódio. E esse ódio, que apesar de nem todos admitirem, vem de todos os lados, passou a ser o maior motor de engajamento no Brasil, um prato cheio na mão dos políticos.

Mas o que os filmes *Tropa de Elite* tem a ver com tudo isso?

Bem, depois de estudar comunicação e semiótica, passei a ver paralelos entre as narrativas do filme e as do personagem Capitão Nascimento com a de certos movimentos e de certos políticos.

O primeiro filme não introduziu a ideia, mas acredito que contribuiu para espalhar sentimento que dá origem àquela frase: bandido bom é bandido morto.

Afinal de contas a narrativa dos filmes parece estar na ponta dos dedos de quem discute nas redes sociais e se posiciona contra os humanos.

Discussões essas que muitas vezes acabam evocando os mesmos símbolos do filme para defender coisas como tortura e extermínio.

Já o segundo filme, em que o personagem virtuoso encara sozinho todo um sistema corrompido, traz paralelos com a narrativa dos Políticos que se apresentam como salvadores da pátria e que fingem lutar contra algo do qual, na realidade, também fazem parte.

Os políticos que se vendem como falsos defensores da justiça e da moralidade podem ter mais semelhanças com outro personagem presente nos dois filmes. O capitão Fábio.

Esse personagem começa como policial corrupto e de menor importância que vai crescendo até terminar como novo líder dos corruptos.

É difícil fazer afirmações no presente, mas tenho a impressão de que um dia vamos olhar para o passado e ver que muitas pessoas que foram às urnas pensando que estavam votando no capitão Nascimento, na verdade estavam votando no capitão Fábio.

CAPÍTULO DOIS: Medo

• **Beatriz Carneiro Saraiva | O medo espreita o meu futuro**

O sonho da criança é crescer, completar 18 anos, sair de casa e se tornar independente. O medo do adulto é pagar contas, se tornar responsável demais e quebrar a cara com o amor, diante de tudo isso o sonho é voltar ao passado e se tornar menino. Cada pedra no caminho tira um pedaço da inocência da mulher que um dia já foi criança. Machadinho já dizia que o menino é pai do homem.

O Medo da vida adulta, do futuro, de morrer e envelhecer...rodeiam a minha cabeça desde que me entendo por gente e desde que entendo que o tempo dita cada minuto da minha existência na “terra do nunca, mas a vida vai ser igual depois das velinhas sopradas aos 18 anos”. Tento me convencer que o tempo é relativo, já que foi o filho do menino que criou a praga chamada relógio.

É preciso estudar, é preciso ser bem sucedido, é preciso casar, é preciso ter filhos, é preciso, por fim, esperar o caixão...

Meu corpo sente a ansiedade, meus lábios ressecam, os batimentos acelerados do meu coração e meu olhar vaga perdido entre o teto da minha casa, sempre nos domingos, me alertam para o medo do que vai ser amanhã de mim: uma mulher negra e nordestina dentro de um país chamado Brasil...

Sonhos? Futuro? Não sei o que vai ser, o medo sempre me espreita quando penso nas poucas possibilidades para sair das muitas estatísticas relegadas a um corpo como meu no meu país, que de meu não tem nada.

Meu olhar perdido no teto da minha casa me faz pensar na listinha que preciso fazer na minha caderneta para iniciar a semana. Já já é segunda, é preciso traçar metas, deixar mais uma semana que passou no passado e mirar para a semana que chega, a todo momento ele (o medo) me alerta que é preciso estar em plantão de alerta para assegurar um futuro melhor para este corpo.

Ligo o noticiário. A carne subiu; a gasolina aumentou pela sexta vez na semana; “é idiota comprar feijão, precisamos de fuzil” diz o presidente; o Brasil voltou ao mapa da fome; a inflação subiu... E agora como não vou sentir medo do futuro e da minha vida adulta com meus míseros 23 anos diante de tanto terror?

• **Catarina Virginia Barbosa | Deixou de ser medo mesmo?**

Imagina dar de cara com um medo de infância. O mais lógico é pensar: “por que eu tinha medo disso?”, logo depois rir e seguir em frente, certo? Certo... Até que você resolve voltar um pouco à infância e percebe que o medo não ficou tão para trás conforme cresceu. Me deixe explicar como eu acabei percebendo isso.

Andando pelo Twitter, passei por uma corrente que perguntava qual era seu medo irracional quando criança. Foi assim que esbarrei na imagem do lobo mau do Castelo Rá Tim Bum. Na hora, lembrei como aquele personagem já tinha me tirado o sono e me feito ter pesadelos quando mais nova. Então, decidi procurar

o episódio em questão para rever e ver se o tal lobo era realmente tão medonho quanto eu me lembrava.

Não lembro com que idade exatamente assisti ao episódio pela primeira vez, mas deveria ter entre 4 e 6 anos. Como toda criança criada assistindo à TV aberta, Castelo Rá Tim Bum era um de meus programas favoritos. Revendo, hoje aos 23, percebi que era realmente divertido e até bastante educativo – ponto para as crianças da TV aberta!

O episódio do lobo tinha como contexto um baile de carnaval. Mostraram quem foi Carmem Miranda, como era feito um instrumento de percussão e relembrou marchinhas de carnaval. Tudo ia bem até o lobo fazer sua primeira aparição.

Quando aquela figura apareceu em um close da câmera, fechei os olhos para não ver, como se voltasse a ser criança, e percebi que realmente era bem medonho. Conscientemente, sabia que era só uma pessoa fantasiada – afinal, era a premissa do episódio – mas minha mente apenas voltou no tempo e me fez fechar os olhos.

Foi quase como me sentir de novo na sala de casa, sentindo minha irmã tentar tirar a almofada que eu usava para cobrir o rosto e me forçar a ver o lobo – coisa de irmão.

O episódio foi passando, os conflitos sobre fantasia se resolvendo e o lobo, dividindo a tela com os outros personagens. Sorri algumas vezes, cantei as músicas tema e voltei no tempo naqueles 27 minutos de programa, ao mesmo tempo em que olhei para a tela com os olhos entreabertos todas as vezes em que o lobo apareceu.

Vale explicar que a uma fantasia realmente muito feia, parecia um cachorro com tamanho de gente e dentes enormes saltando para fora da boca. Entendi porquê meu eu de 6 ou 4 anos teve pesadelo com aquilo. Ao mesmo tempo, meu eu de 23 visitou uma memória adormecida, hoje até engraçada e muito afetiva.

Afetiva porque, apesar do “medo”, voltei quase vinte anos no tempo, sorri pelas mesmas coisas e quase consegui sentir o cheirinho de achocolatado com bolacha que comia enquanto assistia à televisão. É o tipo de memória que a gente guarda para lembrar e sorrir sozinho.

Acho que hoje o lobo já não vai mais me tirar sono – os medos de gente grande é que se encarregam disso – mas rendeu uma boa história na rede social e uma “história assustadora” para contar ao meu sobrinho.

- **Gabrielle Abreu de Oliveira | Não olhe, eles estão te julgando**

As pessoas não gostam de ver outras pessoas sozinhas. O garçom tem que perguntar se a mesa é para um. A atendente do cinema tem que perguntar se é só um ingresso mesmo. Por outro lado, se você é mulher e estiver sentada em um bar tomando uma cerveja, vão te perguntar “o que uma moça bonita como você faz sozinha?” porque de alguma forma estar sozinha é um convite para sermos abordadas.

Quando estamos em lugares públicos, os olhares continuam esbarrando.

Seja porque você está comendo sozinha, lendo um livro, olhando pro nada, sempre vai parecer que alguém te olha e se pergunta porque você está ali. E para se blindar, o celular funciona como escudo. “Não importa que eu esteja sozinha, eu estou com alguém aqui na palma da minha mão.” E isso pode te dar um momento de alívio desse incômodo causado pelo incômodo dos outros.

E em uma das maiores cidades do continente americano, andar sozinha é um pouco assustador. E talvez seja o medo dos olhares acusadores e até mesmo com segundas intenções, que a gente pode acabar sentindo a necessidade de encontrar alguém para sair.

Mas eu me lembro a primeira vez que eu fui para o cinema sozinha. Era fim de tarde, comprei meu ingresso e esperei ansiosamente para que a sessão começasse com um balde de pipoca cheio de manteiga no colo. Lembro de olhar para aquela tela enorme, sem ninguém à minha esquerda e ninguém à minha direita. Alguns gatos pingados na minha frente e uma dupla de senhoras atrás.

Durante o filme eu ria quando tinha que rir, chorava quando tinha que chorar, e nesses momentos eu automaticamente olhava para cadeira vazia do meu lado e depois, eu olhava para trás, para ter certeza que ninguém tinha reparado. Porque o meu reflexo era ter alguém do lado, e pela primeira vez, eu não tinha. Eu ouvia as risadas atrás de mim e imaginava que eram efeitos sonoros do filme, igual nos seriados de comédia, que usam o som da platéia para te dar a impressão de que você não está rindo sozinha.

O filme acabou e fui para casa. Eu tirei a prova que tudo bem não ter companhia de vez em quando. Não é porque estou sozinha que sou solitária, e a partir do momento que você tem consciência disso, você passa, acima de tudo, a valorizar mais a sua própria companhia. Claro que o sinal de alerta vai continuar, seja do medo de ser abordada de surpresa, ou dos olhares nada amigáveis de quem estranha uma pessoa só, mas isso não deve impedir que você escolha a si mesma.

• **Kaynã Silva Amancio de Oliveira | Medo de Ser**

Nem sempre é fácil falar sobre nossos medos, principalmente quando são profundos. Eu queria ser pássaro, mas tive receio de voar. Quis ser borboleta, mas o casulo me deu claustrofobia. Então decidi ser peixe, mas não conseguia suportar o frio da água. Algo me impedia de chegar onde queria, cessava meu ímpeto de ir mais longe, podava meus galhos e tirava minha imponência.

Eu tive medo de ser. E ser mais do que humano, ser eu mesmo, assumindo minha subjetividade e me orgulhando das cicatrizes que tatuam meu corpo. Quando criança, o mundo me parecia grande demais. Os adultos tinham pernas largas, a mesa de casa era enorme e eu me sentia tão pequeno... Não pequeno de alma, mas de compreensão da realidade. E disso não me cobro. Nenhuma criança deve ter plena noção de seu redor.

A escola me apavorava. Crianças sabem ser cruéis e eu senti o amargo em minha boca todas as vezes que engolia saliva estando naquele ambiente que, para mim, era hostil. A palavra não era popular à época: bullying. Um termo em inglês para definir a repetição de atos de violência física e emocional contra uma pessoa ou grupo. A vítima foi eu.

Por anos, sofri desse mal. Fui alvo das guerrinhas de comida, dos valentões, das garotas populares, dos professores imbecis e de todos aqueles que precisavam de um saco de pancadas para descarregar suas frustrações com a própria vida medíocre. Chorei calado inúmeras vezes, aterrorizado e sem saída. Tinha medo de falar, medo de ser visto, medo de represálias, da exclusão e pior: de ser eu mesmo. Na verdade, o ambiente inóspito não me permitira.

Com tamanha carga emocional, cresci amedrontado. Aos poucos, fui entendendo que não tive culpa alguma. Hoje, carrego todos os traumas e os ergo em batalha como um escudo. O que está morto, não pode morrer.

Quando me assumi socialmente como um homem gay, assimilei as diversas problemáticas sociais. Em contrapartida, encontrei apoio em meus próprios braços e em pessoas queridas. A força da terapia, que não posso deixar de mencionar, me dá a propulsão para que a cada dia eu abandone o medo de mim mesmo. Com pequenos esforços, mas consistentes, orgulho-me da minha história, das minhas dores e de quem eu sou. Meu corpo virou poesia e minha alma explode em confete e purpurina.

- **Matheus Zanin de Moraes | Entre se expor e não ser amado**

Adele fala em meus ouvidos: não se pode amar no escuro. Colocar-se sob a luz é o risco que corremos quando amamos.

Começamos com a insegurança, a sensação que corrói a imagem de nós mesmos. As primeiras lembranças que tenho são de minha infância: a vergonha de me apresentar para o coleguinha, com medo de que ele não fosse gostar de mim; o temor de não ser aceito; a baixa autoestima da adolescência e a busca por afirmação na fase adulta.

Lá no fundo, sei os motivos. Seja um comentário, suposição ou uma maldade não intencional (ou intencional). Se tenho medo de morrer sozinho, reconheço as situações específicas que o alimentaram.

E, de novo, aparecem as lembranças. Na aula de Biologia, a professora falava sobre Charles Darwin. O mundo é uma competição, ele diria. Apenas os mais fortes sobrevivem. Em nosso caos moderno, não consigo desvincular a competição da necessidade que temos em ser amados. Competimos pelo amor.

A necessidade começa no momento em que deixamos o ventre de nossa mãe. O bebê precisa ser amado pela sua família. Só sobrevive se existir amor. Com o passar do tempo, os cenários mudam, mas o desejo permanece.

O problema é que, nos primeiros meses de vida, não temos poder racional para refletir sobre as percepções alheias. Um bebê não pensa não ser bom o suficiente ou atrativo o suficiente. E, quanto mais tarde lidarmos com a rejeição, mais difícil será aprender a conviver com ela.

Quando nos damos conta, é tarde demais para voltar à infância e resolver os problemas que moldam nossa vida. Nem Freud conseguiu resolver todos os problemas.

— A resposta é terapia — alguém diz.

Antes, precisei procurar uma resposta dentro de mim. São etapas graduais. Primeiro, precisei parar de fingir que tudo estava bem, de que não existia apreensão. Aceitar nossa fragilidade pode ser libertador, e a consciência de meu sentimento me permitiu encontrar sua origem nos meus diversos relacionamentos.

O medo de não ser amado não basta. Foi preciso defini-lo em uma imagem. Um hospital, uma cama e um senhor abandonado à própria sorte. O tempo está passando, e tenho a certeza de que, quanto mais velho ficar, mais preocupado com esta imagem ficarei. Não são os filmes que riem da personagem reclusa, velha e solteira que vive com seus bichos de estimação?

A cultura não ajuda. Ela ensina que ficar sozinho é sinônimo de fracasso. Ela me faz querer ter família, amigos, filhos... Tudo ao mesmo tempo.

O importante é que já dei o primeiro passo. Sei que o processo para superar este medo será longo. Quem sabe, terei a certeza de tê-lo vencido daqui a alguns anos. Por enquanto, as inseguranças ainda estão lá dentro.

Não olhar para o passado e seguir em frente. Encontre-se em si mesmo, me disseram. Expor-se significa ter que lidar com a rejeição, com a probabilidade daquilo não dar certo. Tentativa e tentativa. Mas, se vamos amar sob a luz, que seja da forma mais transparente possível.

- **Ramana Rech Duarte | Medo de violência física**

Vivo dizendo por aí que me traumatizo muito facilmente. Às vezes basta ficar sabendo de uma história, no “disse me disse”, para que eu já comece a armar minhas próprias defesas. Defesas inúteis, talvez.

Uma vez eu ouvi de intrusa o caso de uma mulher que caminhava plena pela rua quando passam uns garotos de bicicleta e agarram o peito dela. A contadora inclusive observou que os peitos da mulher eram pequenininhos e, por isso, o assédio deve ter doído muito.

O engraçado é que eu escutei isso já faz um bom tempo, acho que eu tinha 12 anos na época. E nem fazia parte da conversa, estava apenas esperando meu ônibus passar e prestando atenção na fala de uma mulher que também estava no ponto. Acabou que nunca me esqueci da história.

Hoje, não gosto de arriscar sair de noite sem sutiã, porque se for para alguém meter as mãos nos meus peitos enquanto ando na rua prefiro estar vestindo o mais grosso bojo. Talvez não seja lá a melhor solução, mas a gente faz o que pode, né? Bater no moço assediador de bicicleta que habita minha mente eu provavelmente não vou fazer. Já tenho idade suficiente para saber que a violência paralisa.

Em outra ocasião, uma amiga minha me contou que uma conhecida em comum teve sua blusa puxada para baixo em um bar por um cara. O porquê? Não faço a menor ideia.

Desde então percebi mais uma fonte de perigo, as blusinhas e peças de roupa que podem ser facilmente despidas. Tem uns tops que ficam presos ao corpo por um simples nozinho e na parte da frente ainda por cima. Para mim, isso não rola. Dá medo pensar que meu corpo estaria tão vulnerável à exposição, bastaria que alguém sentisse a ousadia e raiva o suficiente.

Também não me esqueço daquele vídeo que viralizou em meados de 2020. São duas mulheres em ambiente de boemia no Leblon. Uma delas, sentada em um bar, joga uma garrafa d'água nas costas da que estava em um conversível. A partir daí, a segunda moça sai do carro, ela está só de biquíni, e vai dar uns tapas na que lançou a garrafa.

Quando vi que a mulher do conversível usava apenas roupa de banho fiquei agoniada instantaneamente. Me senti vulnerável e temerosa por ela. Logo depois aparece um homem que a persegue até o carro e arranca seu top. Uma simulação do macho justiceiro que impõe à mulher o castigo de cunho sexual em forma de humilhação. Um show de horrores. Dá para ver na gravação que ele se regozija do que fez. E assistir ao vídeo é uma fonte de angústia.

Eu não tenho nada contra a exposição dos peitos femininos. Mas acho que tem uma diferença entre quando isso acontece por vontade própria e quando é uma forma de humilhação ou de satisfazer desejos alheios.

No fim, pelo menos nessas questões, vejo que talvez não seja eu que me traumatize com facilidade. Há toda uma massa de mulheres que, diante de certas violações do corpo, sentem algo para além da empatia. Predomina o medo, o pensamento de que “poderia ter sido eu”.

CAPÍTULO TRÊS: Música

• Ana Beatriz Rodrigues Garcia | Toquem os sinos

Naquele sábado à tarde, entramos no trem que nos levaria para perto do local do show. O vagão já estava cheio, bem cheio, estranho para aquela região e horário, e só se viam grupos e casais de mais idade – 60, 70, talvez até uns 80 anos. Ficamos em pé segurando no cano do teto e torcendo pro trem esvaziar nas próximas estações, porque seria um caminho meio longo. Mas os velhinhos só desceram mesmo na nossa parada final. Eles também iam ver o Leonard Cohen tocar *Old Ideas*.

Com 20 e 21 anos, de longe as pessoas mais novas naquele lugar, aquela foi pra mim uma experiência engraçada, mas meu pai sempre dizia que eu gostava muito de música “de véio”, e aquilo me divertia. Cohen, que escreveu *Hallelujah*, tem a versão mais cafona dessa música que eu já ouvi – digna de um programa de rádio daquelas *love songs* do sábado de madrugada.

Quando ganhei meu primeiro CD dele, uns dois anos antes desse dia, eu fazia um cursinho preparatório para o vestibular em Bauru, no interior de São Paulo. Aquelas músicas abriram um andar a mais de profundidade no meu vocabulário emocional, que à época também era bem limitado. O disco era ao vivo, então eu não identifiquei de imediato essa estética bem datada que eu viria a amar depois. Mas as letras me deixaram maluca, e por meses, talvez até anos, eu só ouvia isso.

Gentileza, deboche, religião e sexo, guerra, resistência, infância, velhice, amor, traição – Cohen foi pra mim uma apresentação em resumo da vulnerabilidade humana. O homem que canta a devoção a alguém com “if you want to work the street alone I’ll disappear for you” em *I’m Your Man*. Mas que também admite o seu juízo falho ao se desculpar com “if I have been untruth it’s just that I thought a lover should be some kind of liar, too”, na canção *Bird on a Wire*.

Às vezes a gente pensa que tem que mentir por amor, ou talvez o façamos por fraqueza. Pra mim, com 19 anos e uma formação até então majoritariamente cristã, Cohen tinha visto as imperfeições e redimido a falha dos amantes tortuosos tal qual o sacrifício do cordeiro da tradição religiosa redimiu a humanidade do pecado original. Mas o velho fez isso sem o moralismo que geralmente vem na venda casada com a espiritualidade.

Pra mim, Cohen lavava os pratos do almoço como quem faz uma oração, e eu não o imaginava vestindo nada que não fosse seu terno ou o pijama cáqui, parecido com um uniforme de guerra, com o qual se apresentou no festival da *Isle of Wight* em 1970. Eram exatamente desse show as primeiras versões que ouvi na sua voz grave.

Quando ele morreu, eu chorei como quem perde um avô – ou talvez, melhor colocando, como quem perde um guia espiritual profano, com toda a contradição que cabe nessa frase. Lembro de ler um obituário que dizia algo como “Leonard Cohen sabia coisas sobre a vida, e se você escutasse você podia aprender com ele”.

Como todos os ídolos, ao longo dos anos eu soube de coisas menos

grandiosas sobre ele. Mas em vez de diminuir a impressão que ele fez em mim, elas acabaram reforçando esse papel que ele teve na minha vida e no meu imaginário. Leonard Cohen foi o livro-texto com o qual aprendi a olhar o mundo, uma espécie de Evangelho segundo os Emocionados. Para mim, como Leo diria, a vida se resume assim:

“Ring the bells that still can ring

Forget your perfect offering

There is a crack, a crack in everything

That’s how the light gets in”

- **Natália Milena Alexandre Lima | Encontro de memórias**

Existem dois dias em que a terra parou.

No primeiro eu devia ter uns 7 anos de idade e era só mais um domingo de manhã. Pouco depois do café, o cenário já começou a ser montado: meu pai leva uma cadeira da cozinha até o quarto e espalha sobre a cama toda a pilha de revistas com cifras e letras de músicas, que vão de Paralamas do Sucesso a Chitãozinho e Xororó. E então começou o show: arranha uns acordes, acostuma os dedos sobre as cordas e os ouvidos próximos ao que vem adiante.

No primeiro dia em que a terra parou, os versos de Raul Seixas preenchiam o espaço da minha casa enquanto eu brincava com meus brinquedos no chão do quarto. Na real, a terra não parou de fato. Ela continuou e continua a girar. Mas calma, não diga que essa crônica está perdida. É que naquele dia o meu mundo interno escolheu parar aquele momento como um recanto de paz e é pra lá que ele retorna toda vez que soam os versos da canção.

E teve também o segundo dia em que a terra parou. Ele aconteceu 12 anos depois do primeiro, mas não foi bem um dia, foi todo um conjunto de vários dias. A gente sabia que todas as pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa. Bem, nem todas, pelo menos aquelas que sabiam que era preciso e as que podiam ficar sem prejuízo para seu sustento e o de sua família.

Naquele dia o empregado não saiu pro seu trabalho, pois sabia que o patrão também não tava lá. E a dona de casa não saiu pra comprar pão, pois sabia que agora a opção do padeiro era entregar. O aluno também não saiu para estudar, pois sabia, o professor também não tava lá.

Diferente do primeiro, esse dia parecia um sonho meio maluco, desses que a gente tem depois de assistir alguma distopia. Mas assim como no primeiro dia, a voz do Raul também tava lá.

Aquelas revistinhas de banca, com cifras e letras das músicas, muitas delas já sem capa depois de tantos anos de uso, permanecem guardadas na estante de casa. Assim como a lembrança do primeiro dia em que a terra parou permanece na minha memória e se agita toda vez que ouço por aí um “eu nasci, há dez mil anos atrás...”.

Hoje as revistas não saem de lá com tanta frequência e até acumulam alguma poeira, mas eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes: Raul anunciava o segundo dia, mas é provável que eu sempre volte para o primeiro toda vez que ouvir alguém cantar “essa noite eu tive um sonho de sonhador, maluco que sou, eu sonhei com o dia em que a Terra parou”.

• **Natasha Teixeira Percebo | Herança**

No espelho, vejo os olhos e cabelos da minha mãe. Em momentos de distração, me pego com as mesmas expressões faciais do meu pai. Não é difícil, também, enxergar a minha mãe em mim quando estou nervosa. Não quero falar de genética porque biologia não é meu forte, mas posso dizer que herdei esses traços dos meus pais.

Todos eles me constroem e me fazem a pessoa que sou hoje, mas, mesmo quando meu sorriso se abre com todos os mesmos detalhes que o sorriso do meu pai, nenhuma herança é forte como a música.

Meus pais sempre foram apaixonados pela música. Ela, cantora, ele, baixista e violonista. Se conheceram num show, foram e fizeram muitos outros depois e antes desse. Arrisco dizer que eu vim da música, porque, se não fosse ela, eu provavelmente não existiria.

Diferente do que você deve estar imaginando agora, eu não tenho grandes dotes musicais. A voz desafinada e a falta de ritmo me entregam. A minha grande herança está, na verdade, na paixão pela música.

Ela vem desde quando meu avô me perguntava, cantando, “que c’ocê foi fazer no mato, Maria Chiquinha?” E eu respondia, toda feliz, ao Genaro, meu bem, que eu precisava cortar lenha. Na época, eu nem entendia o que a música significava, e hoje sei que a letra não é lá das mais bonitas, mas isso nem me importa.

Ainda que as letras bonitas e inteligentes esquentem meu coração, nem sempre elas são o mais importante. Na maioria das vezes, é mais sobre a energia que a música passa. A Maria Chiquinha, mesmo com uma letra cômica, me fazia sentir conectada com o meu avô.

Isso não quer dizer que as letras não sejam importantes para mim. Se eu dissesse isso, minha versão de oito anos, que sofria para decorar a letra de Girlfriend, da Avril Lavigne, mesmo sem nenhuma noção de inglês, para fingir que eu e meus primos formávamos uma banda, ficaria brava comigo.

O que eu quero dizer é que, mais importante que qualquer letra, foi a felicidade que senti ao ouvir *U Smile*, do Justin Bieber, ao vivo no meu primeiro show. E a emoção que toma conta de mim ao cantar e tocar Anúnciação, de Alceu Valença, com a bateria da faculdade, mesmo com todo o nervosismo e concentração do mundo para não errar o tempo das batidas.

Mas, para mim, a importância da música não está só em grandes momentos. Ela está, também, na calma que *Pra Você dar o Nome*, do 5 a Seco, me passa quando estou ansiosa, e na paz que *Eu Sei*, do Papas da Língua, me dá após um dia estressante.

Eu poderia ficar horas e horas falando sobre o significado que cada música do

Emicida, da Elis, do Paramore, e até do High School Musical tem pra mim. Talvez seja por isso que eu tenho tanta dificuldade em escolher uma música favorita. Como posso ser tão injusta com todas as outras?

Na verdade, fica difícil escolher a música da minha vida, quando cada detalhe da minha vida é da música.

- **Sofia Kassab | Vou te contar**

Era uma manhã comum quando o professor de matemática do 8º ano F parou a aula mais cedo para conversar com a turma. Ele queria saber se alguém tocava algum instrumento musical. Eu estava tendo aulas de piano há pouco tempo, mas adorava encher a boca para falar “Eu toco piano!”. E falei.

Começou, então uma conversa muito mais rápida do que eu pude acompanhar sobre qual música eu sabia tocar, eu falei que estudava MPB, o coleguinha do lado falou que estava aprendendo a tocar Wave, do Tom Jobim, no violão, o professor disse que era uma música linda e perguntou se eu poderia tocar Wave com o meu coleguinha no dia do aniversário do colégio. Eu falei que poderia, que conhecia a música, que eu tocava e que era minha música favorita. Perfeito!

Acontece que eu não conhecia Wave, muito menos tocava. Mas me pareceu o tipo de música que seria absurdo eu não conhecer depois de falar que eu estudava MPB. Na verdade, eu só tinha falado que eu estudava MPB porque tinha aprendido a tocar Samba de uma Nota Só na semana anterior e estava me achando o máximo. Como o nome já informa, não é de uma grande complexidade. E também porque eu achava descolado falar de MPB quando eu tinha 11 anos e todos os meus amigos ouviam Justin Bieber.

Aquele era meu primeiro ano de aulas de piano e provavelmente eu estava há meses de conseguir tirar uma música como Wave, mas mesmo assim, naquela semana eu cheguei na aula de piano e falei “Quero aprender a tocar Wave”. Afinal, eu tinha falado para a minha sala inteira que eu estudava MPB e que aquela música até então desconhecida, era a minha favorita.

Minha professora de piano certamente não estava esperando por isso, mas ela não disse que aquela música era difícil demais para mim, mesmo que fosse. Ela foi até o armário, pegou a partitura e falou “Ok, então vamos tocar Wave.”

Até hoje eu não sei porque eu resolvi que precisava aprender a bendita música a qualquer custo, acho que eu quis continuar sendo a aluna exemplar que toca MPB e queria impressionar todo mundo. De qualquer forma, eu aprendi.

Não só eu aprendi a tocar a música, mas também senti pela primeira vez o poder da música.

Wave foi a primeira música que sempre que eu tocava em algum evento de família, todo mundo se juntava e cantava junto. Wave foi a primeira música que me permitiu fazer amizades através da música. Inclusive, o coleguinha do lado é meu amigo até hoje, 10 anos depois. Wave foi a primeira música que me ensinou que eu precisava passar MUITAS horas estudando para conseguir apresentar 3 minutos e que, mesmo assim, ainda teria muita coisa para melhorar. Eventualmente, Wave de fato se tornou a minha música favorita.

Lembro que depois da apresentação da bandinha no aniversário do colégio, eu troquei minha biografia do Facebook para “A música aproxima as pessoas como nenhuma outra forma de arte” e como dizem os jovens de hoje: é sobre isso.

- **Suzana Correa Petropouleas | Letra e melodia**

Cinco crianças sentavam para assistir seu seriado favorito no tapete da sala, em frente à TV, todo dia à tarde. Eu era uma delas. Não lembro uma cena marcante sequer do seriado que assistíamos, mas a música de abertura está tatuada em minha mente.

A letra, tema do seriado *Três É Demais*, dizia: “Ei, criança, não venda seus sonhos tão cedo. Pra onde você olhar haverá um coração, alguém para dar a mão. Para onde olhar, haverá o rosto de alguém que precisa de você”. Mas tudo isso que a letra diz eu só fui descobrir mais de uma década depois, quando aprendi um pouco de inglês.

Tem gente que gosta de música pela melodia, tem gente que gosta da poesia dos versos. Sempre me considereí parte do segundo grupo: o que uma música diz importa mais do que como diz. Por isso eu, que gosto de dissecar cada verso das canções, me espanto ao perceber que eu já amava algumas músicas muito antes de saber sobre o que de fato elas estavam falando.

Meus pais fizeram o mesmo a vida inteira. Aliás, me ocorre agora que talvez até hoje eles não saibam completamente o que algumas de suas músicas preferidas dizem. Mas isso nunca importou muito. Minha mãe sempre foi fã do pop rock suave dos hits dos anos 80 e 90. É o tipo de música que todo mundo na minha família gosta - talvez até o único ponto de convergência num grupo bastante heterogêneo.

E, bom, ninguém precisa entender qualquer língua para sentir um arrepio com os acordes iniciais de *Africa*, do Toto. E você também não precisa falar inglês - ou qualquer outra língua - para captar a urgência emotiva dos versos em que o cantor pede para o rapaz se apressar, porque aquilo que ele busca não vai esperar por ele.

Essa música, minha preferida, remete a tardes mornas de sol com minha mãe, quando eu era pequena e não entendia nada do que a canção dizia - e ainda assim já a amava.

Foi interessante crescer, aprender a entender músicas e descobrir que essas duas canções - a que marcou a infância e *Africa*, a preferida - tinham não só belas melodias, mas mensagens com as quais muitos podem se identificar. É aí que a música vira poesia cantada. É claro que às vezes acontece o contrário - e você

descobre que a música que amava fala um bocado de abobrinhas. Talvez seja o mesmo desencanto do adultescer: virar adulto e descobrir que algumas coisas não são lá tão boas quanto pareciam...

Outras, porém, talvez se mostrem ainda melhores. Quem não achava a melodia de “Como nossos pais” bonita quando era pequeno? Mas talvez só alguém mais velho, talvez um jovem adulto, vai entender, se identificar e se emocionar com a dor latente, com pitadas de arrogância juvenil, de Belchior e Elis cantando o verso “eu sinto tudo na ferida viva do meu coração”.

Porque quando a gente é jovem pensa mesmo que sente tudo - e pior, que sabe tudo... Mas talvez bom mesmo seja não entender. E ainda assim se permitir amar algo, mesmo sem compreendê-lo. Permitir que algo desperte afeto e crie sentido em meio ao caos, mesmo sem entendê-lo completamente. Bem como uma criança, que se apaixona pela melodia de uma música sem fazer ideia alguma do que ela diz.

CAPÍTULO QUATRO: **Infância**

• **André Derviche Carvalho | Apenas criança**

Era fim de tarde de um clássico sábado de praia, daqueles bem comuns em cidades litorâneas. Foi nas areias cariocas que avistei seis crianças. Elas se dividiam em dois grupos de três. Um era formado só por meninos e outro por duas meninas e um menino. Os primeiros corriam das ondas. Mas na verdade, não era só isso. Certamente tinha muito mais na cabeça daquelas crianças que transformavam o vai e vem do mar em uma ameaça que qualquer adulto sequer conseguiria fantasiar. No segundo grupo, a brincadeira era mais madura. O frescobol foi a diversão escolhida para que um menino e uma menina pudessem se distrair da árdua rotina escolar que a semana trazia. A outra garota imitava os pais das crianças e apenas observava as brincadeiras.

De repente uma briga começa. O grupo dos garotos pega a bola de frescobol e atira para longe. A ira da garota que jogava é despertada. Ela lança gritos de impaciência em direção àquele desconhecido que lançou para longe a sua bola. Bingo! Os meninos descobrem na provocação um novo prazer, e a afronta continua. A menina, cansada de se estressar, prefere tecer comentários silenciosos e sarcásticos sobre o garoto. A briga só termina de vez após uma intervenção da mãe do menino que iniciou toda a confusão. Alguns minutos se passam e fim de papo. Cada um dos grupos arruma seus pertences, recolhe seus brinquedos e se prepara para uma sonolenta viagem de volta para casa. Segunda-feira está logo ali.

Após este ocorrido, me peguei pensando durante algumas boas semanas sobre aqueles nostálgicos dias de infância. Eram principalmente despreziosos. O fardo das despesas e do planejamento ficava na conta dos pais. A missão das crianças era se divertir, se cansar, comer e dormir no caminho de volta, apenas. Por essas e outras, ousou dizer: se existisse uma taxa que calculasse a quantidade de dias especiais e memoráveis no ano de uma pessoa, com seus altos índices, as crianças ganhariam dos adultos com uma certa facilidade. Talvez seja essa a vingança da criança cujo doce foi tomado pelo adulto.

“Qual a última vez que você fez algo pela primeira vez?” indagou alguma personalidade aleatória em uma das incontáveis redes sociais que o pacote “adulto integrado” precisa estar por dentro. Pergunta simples e ótima para uma legenda de uma selfie que vez ou outra o adulto precisa postar para preencher seus espaços virtuais e aquietar a sua cabeça nada infantil. Fato é que apesar de clichê, a frase pode incomodar a muitos de nós.

Talvez a grande vantagem de ser criança é que as chances de ter algo novo em sua vida acontecendo todos os dias são infinitamente superiores aos de um adulto. Deixando a matemática de lado, ter esse tipo de reflexão é bem sintomático de nossos tempos. Como se não bastasse o dia a dia sufocante da rotina, do trabalho, da política e das redes, a pandemia e o isolamento social apareceram e potencializaram muito do que havia de pior em cada uma dessas esferas. Diria que todo esse caos exigiu um pouco da criança que muitos ainda insistem em dizer que existe dentro de nós. Essa criança precisou emprestar a nós um pouco de sua criatividade e magia para enfrentarmos esses novos tempos. Mas sinto que essa chama já não se acende mais. Será que sou só eu?

Fico pensando nas milhões de crianças que passaram meses enfiadas em suas casas. Será que o espírito de criança que nelas habita será forte o suficiente para criar adultos que, quando se encontrarem, briguem somente da forma simples e despreziosa como fizeram aqueles jovens da praia?

Impressionado com o caráter genuíno e despojado daquela briga nas areias do Rio de Janeiro, voltei a São Paulo, em certa medida, inspirado. Fiz uma proposta à minha mãe: que tal voltarmos ao Guarujá? Daquele mesmo jeito que fazíamos quando os meus 8 anos de idade permitiam, eu disse. Quem sabe esse bate-e-volta no litoral paulista não recupere um espírito quase sobrenatural de criança. Cairia bem, pensei. Quem sabe ele não recupera aquela expectativa de viver todo dia um dia novo. Minha mãe achou uma boa ideia, provavelmente esperando o mesmo que dizia meu pensamento.

No fim, aquelas palavras ecoaram vazias pela sala até chegar sabe-se lá onde. A viagem de fantasia para o Guarujá nunca mais entrou em pauta, talvez ela tenha se escondido no mesmo lugar que os anseios de um adulto por um futuro melhor, ou mais alegre ficam.

Ser criança é um privilégio quando o futuro é uma expectativa das mais grandiosas possíveis. O emprego dos sonhos, diferentemente do que é para o adulto, é uma certeza não um desafio inalcançável. A política, um conto de fadas que só adultos entendem e se importam, não aquilo que define o quanto e como você sobrevive. A vida, a certeza de que todo dia será um novo dia, e não o museu de grandes novidades que é a nossa rotina adulta.

- **Bruno Militao Garcia | Vó**

Quando chegava uma certa hora da tarde, eu tirava o uniforme da escola e colocava uma “roupa de ficar em casa”, como a gente chama. Colocava alguns livros e cadernos na bolsa, e falava “Tô descendo pra vovó!”, pra quem ainda estivesse em casa. Minha mãe, Arlete, professora, trabalhava em outra cidade e ficava fora o dia todo; meu pai, Nelson, contador, voltava para casa para preparar o almoço.

Eram só duas quadras até a casa da minha avó, dona Julieta. Mais ou menos três ruas de distância. Em um terreno abandonado que ficava em uma das esquinas do caminho até lá, a gente cortava a caminhada quando íamos pra casa dela juntos. “Esse é o caminho da Chapeuzinho”, ela brincava. Hoje o terreno ainda está abandonado, mas agora cercado com um muro e uma cerca de arame farpado.

Eu chegava, abria o portão – que já começava a enferrujar – com força, e entrava no longo corredor. Se a porta que dava pra sala estivesse aberta, ia por ali mesmo. Senão, ia até o fim e encontrava minha avó na cozinha ou no quintal de terra, sentada debaixo do pé de dama da noite, do qual hoje só sobrou o tronco.

“Bença, vó”. “Bençoe”. E lá ficava o dia todo. A hora de voltar para casa era determinada pela cor do céu. Quando criança, pra mim, a minha avó – a quem eu ainda chamo de “vovó” – era a avó da Chapeuzinho Vermelho, era a Dona Benta e a Tia Nastácia, era a fada das histórias infantis. Na verdade ainda hoje é.

Foi na casa da minha avó onde passei a maior parte das tardes da minha infância – pelo menos das que tenho memória. Minha avó, divorciada e morando sozinha, já havia se aposentado. Assim, podia ficar cuidando de mim no período

do dia em que meus pais trabalhavam e minha irmã mais velha estava na escola. Mesmo depois, já mais velho, quando podia ficar sozinho em casa, eu ia pra lá.

Uma das minhas primeiras lembranças de criança é de estar em um dos quartos da casa dela, o quarto do meio. Eu devia ter cerca de 4 anos, e, em um certo momento da tarde, ela me dava banho, me enxugava, trocava a minha roupa, passava talco. Enquanto isso, minha avó colocava o disco d'A Patotinha, um grupo musical infantil dos anos 70, para tocar em uma vitrola da Gradiente.

Casa de vó é ainda sinônimo de comida boa. Nesse caso não seria diferente. Lembro até hoje de subir em um banco alto – mesmo depois do aviso de que poderia cair e me machucar – para ver ela preparando a receita do bolinho de chuva. Tudo “de olho”, sem precisar das medidas, como ela dizia. Junto com os bolinhos, o café, bem fraco e doce. “De amarga basta a vida”, brinca até hoje

E contava muitas histórias. Histórias que ela ouvia na infância e na juventude e até histórias que ela inventava ou aumentava. As primeiras histórias de terror que ouvi e que, ao invés de amedrontar, animava. Histórias que fizeram minha infância ainda mais rica.

Depois a gente cresce. Cresce e estuda, cresce e muda, cresce e se muda, cresce e (quase) esquece. A correria do dia a dia pode não deixar algumas memórias virem à tona com frequência, ainda mais com as situações que só uma pessoa de uma cidade com 5 mil habitantes e se muda para outra de 12 milhões passa. Mas, em certos momentos de calma, alguns momentos especiais retornam. Pensando hoje sobre a passagem do tempo e essas mudanças da vida, me peguei refletindo: quando foi a última vez em que eu, criança, pedi a bênção à minha avó, saí de sua casa, fechei o portão e nunca mais voltei pra minha infância?

• **Gabriel Guerra de Sousa | Amor de infância**

A corrida das seis horas da tarde não era mais aquela tradicional e inerente às crianças que correm sem ver o mundo passar. Essa corrida tinha significado, emoção e, talvez pela primeira vez —sem considerar a família— tinha amor.

Talvez não. Era a primeira vez que sentia o amor aquilo que não é palpável ou beijável como os rostos dos nossos pais. Aos 6 anos conhecia o amor às coisas, ou à coisa para ser mais objetivo.

Inicialmente era um domingo como os outros. Aquele que, não importa o cômodo, terá um familiar conversando. Aquele que o almoço cheira por horas, mas demora para ir à mesa.

Nessa idade, essas questões não importam tanto. O que importa é se desafiar internamente, mesmo sem saber, para ver em quantos segundos é possível correr por toda a casa, por mais que ninguém cronometre o tempo.

Hoje é comum, porém naquela época não tinha como entender o porquê mais de 70% das pessoas em casa se amontoavam na sala, submetendo-se até mesmo a fazer o chão de assento. Mas, no mínimo curioso.... por que não ficar no chão também? Parece ser interessante.

Inclusive, essa é uma das melhores brincadeiras que uma criança pode ter: copiar os adultos, só pela sensação de se parecer com um. E cá entre nós, quem

nunca tomou refrigerante como se fosse uma cerveja.

Só que naquele domingo, não era brincadeira. A partida entre Corinthians e Santos passava na televisão que concentrava ao menos oito olhares. O entendimento era pouco, mas sabia que quando a bola entrava na rede, era preciso gritar gol. Achei estranho que naquele dia ninguém gritou, exceto a criança, que gritou, e muito!

Muito mesmo. O resultado do jogo foi de 7 a 1, mas não aquele traumático que conhecemos. Esse era diferente, tinha emoção, felicidade... Tinha sentimento!

Foi no sétimo, e último gol, que o grito se juntou com aquela corrida do início como se fosse um só. Foi nesse dia que eu, um filho de palmeirenses, descobri meu amor de infância O meu amor pelas cores alvinegras... O meu amor pelo Corinthians.

- **Luana Maria de Sousa Benedito | Para-ty**

Paraty é quente, úmida, abafada, no verão. Bom, seria difícil esperar diferente de uma cidade litorânea num país tropical, abençoado por Deus e etcetera.

Sim, é óbvio. É quente e úmida. E eu, com meus onze anos, tirei da mala minha blusa de frio favorita antes de sair da pousada para caminhar pelas longas vielas ladrilhadas, em busca de um lugar para almoçar com a família. Era meio-dia.

A blusa era cinza, de algodão, com um gato estampado na frente. O desenho do felino era desproporcional, grande demais em comparação com o espaço disponível na peça. Mas eu gostava dela mesmo assim. Menos pelo gatinho e mais pelo fato de que era larga e cobria meus braços.

Braços que eu pensava serem gigantes, na época. Membros enormes que, como balões sendo inflados pouco a pouco, pareciam crescer mais a cada dia. O corpo inteiro, na verdade, era feito de balões, na minha cabeça. E minha vontade, às vezes, era de que alguém se condoesse e me explodisse com uma agulha!

Nunca tive essa sorte. Obrigada a seguir com meus balões, me limitava a cobri-los sempre que podia, embora nem sempre tivesse sucesso.

“Filha, tá fazendo quase 40 graus lá fora”, disse meu pai, frustrado, quando me viu sentadinha numa cadeira do nosso quarto, numa pousada simpática, esperando a hora de sair às ruas do centro histórico. “Você não vai sair assim de jeito nenhum.”

“Eu não tô com calor, pai...”, respondi, e acho que não preciso esclarecer que tratava-se de uma bela de uma mentira! Era Paraty, no verão, muito quente e tudo mais.

Depois de uma discussão em que eu lutei com pouca convicção, sabendo que nunca ia ganhar de meu pai – até hoje nunca ganhei – acabei tirando a blusa de gatinho com lágrimas nos olhos, envergonhada, ficando apenas com a regata que levava por baixo. Não queria sair daquele jeito. O que as pessoas da rua iam pensar ao ver a maior criança existente no planeta terra? Eu, uma menina de onze anos, achava que pudessem me confundir com um porco, uma bola. Um grande balão.

Como não tinha escolha, saí chorando, e minha mãe não entendia nada.

“Por que ela tá chorando?”, perguntou a meu pai.

“É por causa da blusa”, respondeu ele. “Acho que ela tá com vergonha por ter pelos demais no braço.”

Olha, pai, não era sobre isso, mas agora passou a ser também! Espero, muito mesmo, que não carregue isso comigo pelo resto da minha infância!

Vamos torcer!

• **Maria Luisa Oliveira Bassan Gomes de Sa | A pequena artista**

Quando eu tinha seis ou sete anos de idade, se me perguntassem o que eu queria ser quando crescesse, minha resposta era “artista plástica”. Ousada e imaginativa, essas duas palavras juntas me faziam ver um mundo colorido, apresentado a mim desde muito cedo.

Minha mãe, ainda que nunca tenha se chamado de “artista”, sempre me encantou com sua habilidade para artesanato. Nas festinhas de criança, minha e dos meus irmãos, celebradas em casa, ela era a responsável pelo tema e decoração. Em uma festa do meu irmão mais velho, com o tema futebol, ela montou, sobre feltro verde, um campo de futebol cujas linhas eram desenhadas por Bis enfileirados e com uma plateia de Trakinas recheadas e de rostos alegres. Meu aniversário de 3 anos ganhou o tema d’O Mágico de Oz, que trazia um convite para seguir a estrada de tijolos amarelos ao local da festa, com uma mesa decorada pelos quatro personagens em bonecos detalhados – o vestido da boneca Dorothy havia sido feito por uma costureira já conhecida da família, e o Homem de Lata fora confeccionado manualmente pelo meu padrinho.

Na área de serviço de casa, transformada em salão nessas festas de família, era também onde a mágica acontecia: minha mãe guardava potinhos de tinta, blocos de papel colorido, caixas de botões e fitas. Eu, que já assistia a programas na TV que ensinavam a fazer objetos fantásticos usando material reciclado, jornal, papel toalha e uma mistura de cola e água, estava sempre por lá – com avental, pincel e tela em um pequeno cavalete, pronta para criar.

Por isso, quando falei para minha mãe que queria mexer com arte, sua doce decisão foi achar um local onde eu pudesse ter aulas de artesanato. Como obra do destino, perto de casa havia um espacinho pronto para me receber, chamado “Ateliê das Meninas”. Então para lá eu ia, todo sábado à tarde, aprender uma técnica, descobrir um novo material, ver uma obra de arte nascer – diante dos meus olhos e pelas minhas mãos.

Pude mexer com muitos materiais: tecidos, giz colorido, biscuit, papéis diversos... Mas a minha favorita era a pintura a óleo. A forma como era possível representar tão detalhadamente algo que parecesse uma fotografia tirada naquela fração do tempo, ou o jeito em que bastavam algumas pinceladas para criar formas e rabiscos que ganham um sentido diferente a cada pessoa que os encarava. Tudo isso partindo de um conjunto muito finito de tintas, que se misturavam de acordo com a vontade do artista.

Assim, fui pintando quadros que ganhavam molduras e enfeitavam a sala de trabalho da minha mãe, o corredor da casa da minha avó, ou eram guardadas com

carinho na mesma área de serviço para onde eu tanto retornava. O processo de pintura era, acima de tudo, prazeroso. Era apenas eu, os pincéis, as tintas e a tela em branco. Acima de qualquer crítica relacionada à minha habilidade técnica, eu me orgulhava por conseguir passar para a tela algo da minha cabeça, ou a minha visão de alguma referência – aquela sensação incrível de “olha só o que eu pintei!”.

Conforme eu crescia e aprendia a pesquisar – seja na internet ou nas aulas de Arte da escola – meu fascínio pela pintura só aumentava. Na mesa da sala de jantar, via meus pais montarem quebra-cabeças que, depois de emoldurados, passaram a enfeitar a casa: Os Girassóis, de Van Gogh; a Monalisa, de Leonardo da Vinci; As Duas Irmãs, de Renoir.

Um pouco mais velha, aprendi a jogar Leilão de Arte – um jogo de tabuleiro cujo objetivo era arrematar quadros famosos, sem que soubéssemos o valor real, de forma a construir o maior patrimônio. Alguns anos mais tarde, em minha primeira visita ao acervo do MASP, me emocionei ao reconhecer quadros que me acompanharam por horas e horas de jogo, como o Retrato de Suzanne Bloch, de Pablo Picasso; O lavrador de café, de Portinari, e as Quatro bailarinas em cena, de Degas.

Embora o encantamento sempre estivesse comigo, passei um longo período longe de qualquer pincel, por falta de tempo, material, mas principalmente pelo excesso de autocobrança. Se eu fosse pintar algo, teria que ser perfeito na primeira tentativa. O medo de não gostar do que pintei me impedia de começar qualquer tela.

Foi então que, para minha surpresa e em um contexto completamente imprevisível – o de quarentena –, me vi tentando resgatar hobbies que me deixassem feliz simplesmente pelo ato em si, e não somente pelo resultado. E a primeira coisa que pensei foi na pintura. Será que ainda sabia como pintar, misturar as tintas, trazer uma ideia para a tela em branco?

Assim, em um sábado de abril, fui para a área de serviço, com meu novo conjunto de tintas (mas os mesmos pincéis de sempre) e pintei uma tela, depois de muito tempo. Quando terminei, ao olhar o resultado, tive duas certezas: a primeira era que nunca havia deixado de saber pintar. E a segunda, talvez a mais importante, de que a criança artista plástica continua viva, dentro de mim.

CAPÍTULO CINCO: Educação

• André Alves de Amorim | Da escola, uma saudade

Quando o sinal tocou pela última vez indicando que aquele seria o último dia de aula e que eu estaria livre da escola para sempre, o sentimento era de alegria e euforia. Naquele momento não existia nenhum sentimento de saudade pelo que se encerrava. E na minha cabeça, eu jamais o teria.

O tombo veio, pois eu estava completamente enganado. Logo no ano seguinte já começava a aflorar uma saudade do ambiente escolar, de alguns colegas, de alguns professores, das conversas engraçadas no intervalo.

E pensando na minha vivência na educação básica, algumas falas do educador Paulo Freire hoje fazem muito sentido:

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Aqueles amigos de outrora fazem falta, sabe? Aqueles professores que me inspiraram fazem falta, sabe?

Olhar para trás e ver que tive uma educação sólida, com o auxílio certo dos professores, percebo o quão importante é defendermos uma educação, pública e privada, de qualidade.

Acredito muito que foi levado pelo sentimento de saudade que busquei trabalhar na área da educação.

Primeiramente, como o “tiozinho” que cuida das crianças. Aquele que está ali para dar uma bronca, para fazer o papel de chato. Mas, para além disso, ser muitas vezes aquele que será o ouvinte de problemas trazidos de casa e que não são compartilhados com professores.

Segundo, para além da formação em Jornalismo, buscando ser professor. Pois, como disse Paulo Freire “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”; “O educador se eterniza em cada ser que educa.” O ato de ensinar é poder transformar a vida de um aluno.

Os profissionais da educação ainda são pouco prestigiados, contudo é importante olharmos mais para eles, cuidando para que tenham saúde, alegria e disposição para cumprir com seu propósito.

Eu passei bastante tempo da minha vida nas salas de aula das escolas. Ainda passo, pois sou estudante, porém agora de nível superior. As vivências são completamente diferentes. Nem há como se comparar. Nos tempos passados eu não tinha a mentalidade que tenho hoje, pois se tivesse, teria me esforçado muito

mais além daquilo que me esforcei. Minhas ações para certas ocasiões teriam sido outras.

Bem, como ainda não inventaram uma máquina do tempo para fazer visitas ao passado e nem ao futuro, tudo o que me resta é o saudosismo. A saudade que pulsa dentro de mim e que me faz buscar encontrar o meu caminho na educação. Ao mesmo tempo que divido com um sonho de infância em ser jornalista. Ser adulto demanda muito da gente. São escolhas e renúncias a todo momento que nos desgastam ao longo do tempo.

Bom, é isso, da escola, uma saudade. E na educação, uma esperança de tempos melhores para fazer uma sociedade melhor.

- **Luciana Cardoso de Souza | Professora e aluna**

Seis e dez.

Há quase quatro anos é o horário que me levanto, tomo banho e me preparo para sair. Confiro se a chave do armário e minha garrafinha estão na bolsa.

Seis e quarenta e três. Me despeço dos gatos, fecho a porta e caminho até o trabalho. Às sete começa a primeira aula. Irônico ou cirurgicamente escolhido, o sinal da escola é a música tema do filme *Missão Impossível*. Ainda me lembro da primeira vez que ouvi e esbocei um sorriso pela coincidência tragicômica.

Geografia? Ensinar mapa? Nossa, nada a ver. Geografia? Geografia. Profe, qual sua matéria mesmo? — Pergunta o aluno, já no final de julho.

Profe, você não é daqui né? Esse seu sotaque é carioca? A profe é da Bahia, né? Ceará?

– Não, meu sotaque é Recifense, mas eu nasci no Maranhão.

Lecionar Geografia numa escola pública na região do Capão Redondo: sotaque diferente e entre uma reconfigurada no meu “e”, “i” e “o”, fui reaprendendo a ditar e falar a “língua” deles, mas sem jamais deixar de lado o pernambucês que tanto me orgulho. De longe, sou forasteira; de perto, sou mais uma entre eles: sempre da periferia, descendente de nordestinos, família na base da pirâmide do capitalismo e por aí vai.

Abrindo a página 73 do livro do sétimo ano, me deparo com os problemas urbanos e a favelização está entre eles. Mas, tá, me explica você: como vou apenas dizer que o lugar que a gente mora é um problema?

Geografia é o que e como vivemos. O baiano Milton Santos disse que, dependendo da localidade que você ocupa na cidade, você é mais ou menos cidadão. O pernambucano Paulo Freire defendeu que a educação serve para emancipar, que a educação não pode ser bancária, com o professor enxergando o aluno como um banco onde deposita e transfere o conhecimento.

Mas tá: Como vou explicar que o lugar que a gente mora é um problema para a cidade? Se eu acredito um pouco naquilo que Freire e Santos disseram, dá pra entender que o problema não é o lugar que a gente mora e sim os agentes que mantêm as periferias nessas condições de exército de reserva.

Na Universidade Federal de Pernambuco, eu passava quase todos os dias pela estátua de Paulo Freire e me dá um orgulho danado, porque como uma boa pernambucana sou megalomaníaca e bairrista, visse? Mas para encarar a sala de aula nem sempre dá apenas para defender a educação libertadora e construção do pensamento crítico. Dá vergonha de admitir, mas é tão difícil que às vezes preciso de um respiro. Dois, talvez.

Tenta você falar por 45 minutos, fazer perguntas — muitas vezes ignoradas —, ou pedir para eles mostrarem o ponto de vista sobre alguma coisa. “Profe, não vai copiar nada?”. Percebi que um caderno cheio de textos faz com que se sintam produtivos ou algo muito perto disso. Ah! Outra coisa que eles dão valor é um visto, um carimbo. É a legitimação daquilo que eles estão fazendo e lição sem carimbo é lição sem valor. Vai por mim, sério!

Às vezes sinto que separar um átomo é mais fácil do que fazê-los entender que SIM, muitas coisas que eles aprendem na escola podem ser aplicadas no dia a dia deles, seja para entender um meme ou que sim, aqueles filmes da Marvel são baseados em fatos historiográficos, que a treta Rússia Estados Unidos não foi algo criado apenas nos filmes e por aí vai. Soa óbvio para você, né? Passa lá na escola e confere a carinha deles quando descobrem essas coisas.

E, no fundo, é isso que me faz acreditar e resistir. Equilibrando os pratinhos entre métodos tradicionais e construtivistas, ou preenchendo burocracias que pouco estão preocupadas em retratar a realidade. A educação libertadora se constrói com luta e precisa ser tratada como projeto, sabe? Porque já bem antes de mim, o Darcy Ribeiro mostrava que a crise educacional não é apenas uma crise e sim um projeto.

Mas as geografias não me fazem desistir. Minha avó, professora na zona rural do Maranhão, não desistiu. Minha mãe não trabalhou anos como doméstica para me dar melhores condições de estudar para eu chegar aqui e desistir. É por elas, por mim e por eles também que, mesmo cansada, às vezes com pequenos surtos, eu não desisto. Não saí do bairro com menor IDH do Recife para desistir. Com cansaço e choro, escrevo para a matéria de Radiojornalismo na melhor Universidade do País. Foi a educação que me trouxe até aqui e me leva para todos os lugares.

Deu 11:50, o sinal bateu. Agora tenho que ir.

• **Matheus de Camargo Basseto Alves | Curiosos modelos**

O centenário de Paulo Freire me trouxe muitas reflexões sobre minha própria experiência com a educação brasileira durante meus poucos anos de existência. No decorrer desses 22 anos, sempre me encontrei durante algum processo de educação. Claro, estamos todos aprendendo a todo momento, mas o que me refiro é a educação institucionalizada: aquele mesmo modelinho de sempre, uma sala de aula, um professor e quase 50 alunos por sala.

Durante toda a minha vida, tive muito interesse e curiosidade sobre o mundo à minha volta, sempre observando e perguntando muitos “por quês” sobre a vida, o universo e tudo mais. No entanto, quando passei a perceber que meus familiares não possuíam todas as respostas para minhas perguntas, fiquei suscetível ao encanto do maravilhoso mundo dos primórdios da Internet, principalmente, o Wikipedia. Navegando pelos hyperlinks, eu explorava uma infinidade de informações sobre quase tudo que eu quisesse saber, a meu dispor, a todo momento.

Esses elementos podem ter sido a causa da minha facilidade de aprendizagem que, logo nos primeiros anos de ensino fundamental, comecei a me dar conta. Enquanto muitos colegas precisavam estudar por horas para adquirir as mesmas notas que eu, que mal estudava e gastava esse tempo no computador lendo sobre o mundo, além de video-games e televisão, é claro. De certa forma, aquele era meu jeito de estudar. E, por mais que eu tenha estudado apenas em escolas particulares elitistas, não acredito que tenham sido mais importantes para meu aprendizado e formação do que sou hoje quanto às minhas aventuras pela rede.

Assim como na minha educação parental, essa mesma escola, que se dizia construtivista, aplicava sempre a mesma prática punitiva para resolver problemas. Mesmo que muitos repitam a máxima “erros são uma oportunidade para aprender”, isso só é verdade quando o educador está disposto a ensinar. Sempre que surgia algum conflito, o procedimento principal era encontrar um culpado e puni-lo. Mal escutavam os alunos e davam apenas sermões carregados de moralismos, além da clássica ameaça de informar os pais do ocorrido. A grande oportunidade era jogada no lixo, todos saíam descontentes, aprendendo apenas a replicar esse tipo de comportamento punitivo em suas vidas.

O mesmo vale para as aulas, que, por mais que tenham melhorado muito, principalmente com algumas ideias de Paulo Freire sendo colocadas em prática, ainda vemos muitas sequelas do que o pedagogo chamaria de educação bancária. Não me leve a mal, mesmo quando adolescente, eu evitava dizer que uma matéria ou outra eram inúteis, pois de fato, como um grande professor uma vez me explicou, nem tudo que aprendemos no ensino médio será utilizado ao longo de nossas vidas, mas um grande repertório de conhecimento garante uma melhor

capacidade de raciocínio e visualização de diferentes soluções para um mesmo problema. E isto é ouro.

O real problema é uma educação repetitiva, entediante, sem incentivos. Baseada apenas na transmissão da maior quantidade de dados e informações possíveis. Muitas vezes os professores exerciam apenas esse papel, sem trazer elementos ou atividades interativas e divertidas, que poderiam incentivar discussões e com isso, desenvolver um raciocínio crítico. Apenas coisas escritas na lousa, uma explicação entediante e exaustivas anotações no caderno. Quantas vezes eu apenas decorei o máximo que pude de um resumo e assim que a prova terminou eu não conseguia lembrar nem 10% do que me foi ensinado.

Entretanto, seria muito injusto depositar a culpa nos professores, que muitas vezes são podados a agir dessa maneira pela própria instituição e pelo sistema de ensino no geral. Isso acontece, principalmente, quando o único objetivo da escola é garantir o maior número de alunos passando nos vestibulares das mais almejadas faculdades.

Outro grande exemplo disso tudo é a recuperação, que poderia até ser chamada de purgatório, levando em conta a forma que era aplicada. Consistindo apenas em forçar o aluno a ficar mais horas na escola para assistir uma aula repetida, sem nenhuma diferença significativa na metodologia, a recuperação era totalmente desestimulante. Dependendo da matéria, as salas de “rec” eram muitas vezes mais lotadas do que salas de aula normais. Se o intuito era dar maior atenção aos alunos com dificuldades, era um fracasso completo, pois como que um professor, que mal conseguia controlar a turma daria conta de atender as dúvidas mais importantes de todos os alunos?

Dessa maneira, o aluno que perdesse alguma informação essencial para o entendimento de toda a matéria, acabaria, cada vez mais, enterrado em aulas incompreensíveis. Com o tempo, o único resultado disso seria um grave desinteresse e uma preocupante conclusão de que simplesmente odeia a disciplina ou não é inteligente o suficiente para entendê-la. E a escola, que deveria ser um porto seguro para os erros, se tornava apenas outro veículo de punição do sistema.

Por esses e outros motivos, eu frequentemente considerava a escola como uma inimiga da minha criatividade e liberdade de aprender. Os únicos momentos diferentes eram quando professores tinham a liberdade e a vontade de trazer novas abordagens, além de propostas de trabalhos que valorizam a capacidade e autonomia do aluno para aprender. Afinal, o melhor método de ensino é o que se baseia na curiosidade.

• **Matheus da Silva Souza | Sermão escatológico**

De todos os textos do Livro Sagrado, os que mais me acompanhavam à noite, no travesseiro, de manhã, na janela do quarto, e durante as tardes enquanto eu brincava no quintal, eram aqueles que descreviam o fim. Seriam as torres nossos arranha-céus? Seriam as trombetas sirenes de emergência? Seriam as bestas cuspidoras de fogo aviões em combustão?

A leitura da Palavra nunca é vazia, e antes mesmo de saber ler eu me enchia com ela, todas aquelas promessas de eternidade. Gozo eterno, fartura, louvor e adoração para todo o sempre. Ainda podia ter meus amigos comigo, se lhes ensinasse o bom caminho, o caminho da salvação. Todos podiam ser salvos.

Assim eu cresci e entendi o mundo nos meus primeiros anos de vida. Na escola dominical, aprendia a diferenciar o certo e errado, às vezes em termos de português e matemática, mas principalmente em termos de conduta. Dos dez mandamentos às cartas dos apóstolos, os professores nos apresentavam lições sobre como viver a boa vida, antes e depois da nossa morte. Eram desenhos para colorir, versículos com lacunas para completarmos, cantigas sobre a pequenez do homem e a infinita graça divina. Um estudo constante para a grande avaliação, o Julgamento Final.

Naquela época eu não tinha medo do futuro apocalíptico. Talvez pensasse tanto nele por puro encantamento infantil, tentando digerir a ideia de que a qualquer momento o mundo podia se desfazer diante dos nossos olhos, entrando em colapso para anunciar o arrebatamento. Mas o medo, se existia, era abafado pela crença de que seguindo os passos do Senhor como ovelhinha obediente, eu caminhava direto para o paraíso.

Até que um dia, um pouco mais velho, descobri que meu destino mais provável era na verdade o inferno. Eram os meus desejos impuros, a busca do prazer carnal e a recusa da vontade divina, que me queria longe das perdições do mundo.

Tentei de todo modo lavar meu corpo e alma:

— Pai, tem misericórdia.

— Pai, perdoa teu filho.

— Pai, estou de joelhos.

— Pai, sei que não mereço e ainda assim eu lhe suplico.

Mas não teve jeito. Todas aquelas palavras bonitas e difíceis — blasfemo, herege, depravado, pederasta — já estavam marcadas em mim como chagas incuráveis. Fogo, enxofre, choro e ranger de dentes: era esse o meu futuro. Dali em diante eu estava condenado, e as imagens do fim me assombravam noite e dia.

Isso foi há muitos anos. Mais tarde eu aprendi outras ciências: biologia, sociologia, umbanda, budismo, yoga, psicanálise, física, química, matemática e etc., e a Bíblia é apenas mais um de tantos livros na minha estante. Só lembro bem de tudo aquilo porque ainda hoje acontece de eu me deitar à noite, fechar os olhos e me ver queimando. Acordo sobressaltado, transpirando de vergonha, medo e culpa — tentando entender, ainda no escuro, se foi mesmo só um sonho ou se foi Deus trazendo meu castigo pela má educação.

• **Victor Aguiar Ferreira de Sá | Dúvidas**

Segundo semestre de 2020. Noticiário atrás de noticiário, coluna atrás de coluna, artigo atrás de artigo. Me informar, àquela época, ainda não era uma tarefa tão estorcedora — mal sabia eu como as coisas ainda iam piorar. Além disso, ainda existia um certo idealismo dentro de mim que me fazia pensar — ou simplesmente sonhar — que as coisas não demorariam a voltar ao normal, e logo eu estaria de volta à rotina universitária que aprendi a apreciar.

No entanto, cada vez mais, os meios pelos quais eu buscava essas informações eram diferentes, mas as opiniões, em geral, eram bastante similares: a pandemia teria um impacto catastrófico na educação.

Sei que o ensino não pode ser interrompido. A defasagem que poderia ser causada pela interrupção do processo educacional por tempo indeterminado durante a pandemia é imensurável, especialmente entre as camadas mais vulneráveis da população. E isso não é para dizer que não houve defasagem, pois as novas modalidades definitivamente não tiveram o mesmo efeito em todos os estudantes — mas poderia, sim, ter sido ainda pior.

Tenho consciência, ainda, de que grande parte dos profissionais de educação que prezam pela formação de seus alunos se dedicaram incansavelmente para tornar o impacto o mais brando possível entre seus diversos pupilos, e são dignos de reconhecimento por isso.

Na minha “esfera universitária”, ainda, o impacto foi bastante controlado. Os professores do departamento, de forma geral, se adaptaram às circunstâncias e, salvo algumas exceções, houve relativamente poucos problemas.

Dito tudo isso, afirmo com segurança: eu odeio o ensino online.

Meu entusiasmo com a faculdade, hoje, é pouco mais que uma mera sombra do que já foi. Ao longo de 2020, houve momentos em que eu mal me lembrava de estar sequer estudando jornalismo, a área que somente há alguns meses me causava empolgação à simples menção da palavra.

O ânimo era tão escasso que até tranquei algumas matérias — sem saber que, no futuro, isso só complicaria ainda mais a minha vida, e geraria outros problemas que eu não havia considerado, ou simplesmente não tinha como saber.

Também vivenciei minha primeira reprovação desde o início do curso, para a qual até hoje olho com algum ressentimento — tanto pela bagunça que foi a matéria em si quanto pelo fato de eu, de certa forma, ter ‘deixado’ isso acontecer.

Minha experiência com o infame ensino à distância é uma entre milhões. Tenho certeza de que, para muitas pessoas, a volta ao ‘velho normal’ pode ser uma notícia desanimadora, afinal, a vida em casa tem seus confortos, admito. A essas pessoas, um sincero — e certamente um pouco egoísta — “só lamento”. Apesar de enxergar a importância de um retorno seguro, dentro das normas e regulamentações sanitárias, não consigo esconder que uma faísca se acendeu dentro de mim quando os rumores sobre o retorno presencial, ainda em 2021, surgiram — eu estaria me enganando se negasse isso.

Por outro lado, já aceitei que o ‘velho normal’ ficou, efetivamente, no passado. Tanto em relação à faculdade quanto ao estágio em que trabalho, já percebi que o futuro guarda, na verdade, um ‘novo velho normal’, que mistura elementos da vida

pandêmica, bem como de sua predecessora — o famoso ‘modelo híbrido’.

Sei lá. Ao contrário de Sócrates, pelo menos uma coisa eu sei que sei: essa vida home office não é pra mim. Desculpa, EAD.

REFERÊNCIAS

ALVARDO, Leonel. **Antipódico**. Coluna. **Blog do Alterjor**, 2021.

<http://www.usp.br/alterjor/index.php/category/colunistas/antipodico/> Acesso em 29 de novembro de 2021.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. Madrid: Cátedra, 1994.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: Os formatos e os programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além-mar** — Travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

SCHAFER, R. Murray. **O ouvido pensante**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2012

PARA OUVIR AS CRÔNICAS ACESSE:

Repositório de Radiojornalismo da ECA-USP | Programa Universidade 93,7:
<http://www.usp.br/radiojornalismo/>

